

Inconformados, parentes lamentam

Na tarde de ontem, a capela do cemitério de Taguatinga foi pequena para acomodar os 23 netos e 20 bisnetos do aposentado.

Apesar da família numerosa, Adalberto vivia sozinho, o que para muitos vizinhos parecia ser abandono.

"Era opção. Ele não gostava de ser acompanhado por ninguém, preferia ser independente", contou o sobrinho

Reginaldo de Souza Silva.

Amigos e parentes não se conformaram. Alguns se revoltaram. Vizinhos disseram que ele já se sentia mal e teria procurado o posto de saúde outras vezes, mas não conseguiu ser atendido.

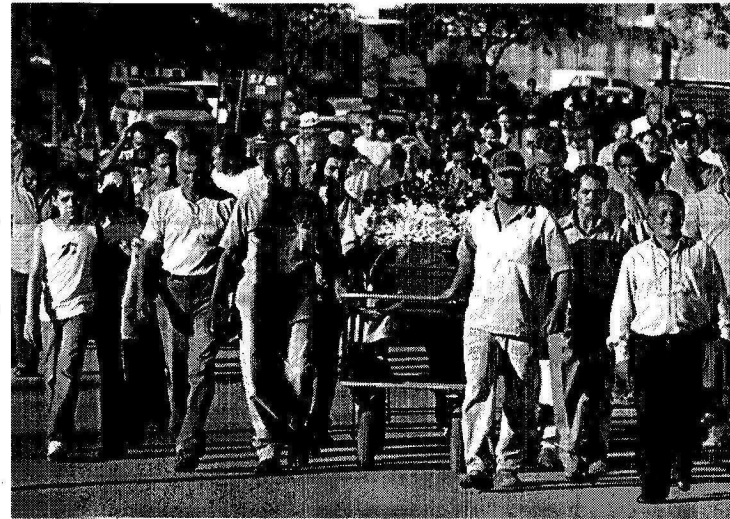
Para os filhos de Adalberto, houve descaso por parte dos funcionários do posto de saúde. "Deveria haver pelo menos uma enfermeira no

posto, mas não tinha nada", reclamou o filho, José Ferreira Neto, 45, sargento do CB. O que mais indignou os familiares do aposentado foi o fato de a emergência do posto de saúde funcionar normalmente durante a noite.

"Eles sabiam que estavam errados e quiseram reparar o erro, mas não teve jeito", disse Marilene Ferreira de Souza, 47, uma das oito filhas. Ela

questionou a prioridade de atendimento médico garantida ao idoso. "Quantos vão ter que morrer para para que seja tomada uma providência?", questionou.

Vaqueiro vindo de Mundo Novo (BA), Adalberto chegou em 1965 a Brasília e encontrou oportunidade para trabalhar como bombeiro hidráulico. Na época, tinha cinco filhos.



No enterro, a revelação: ele procurou o posto outras vezes